

## NO CONGRESSO

Para emplacar José Sarney na presidência da Casa, petistas e peemedebistas agora negociam em partes. Mas essa nova ainda está longe de um final feliz

# Disputa no Senado agora é em capítulos

Rudolfo Lago

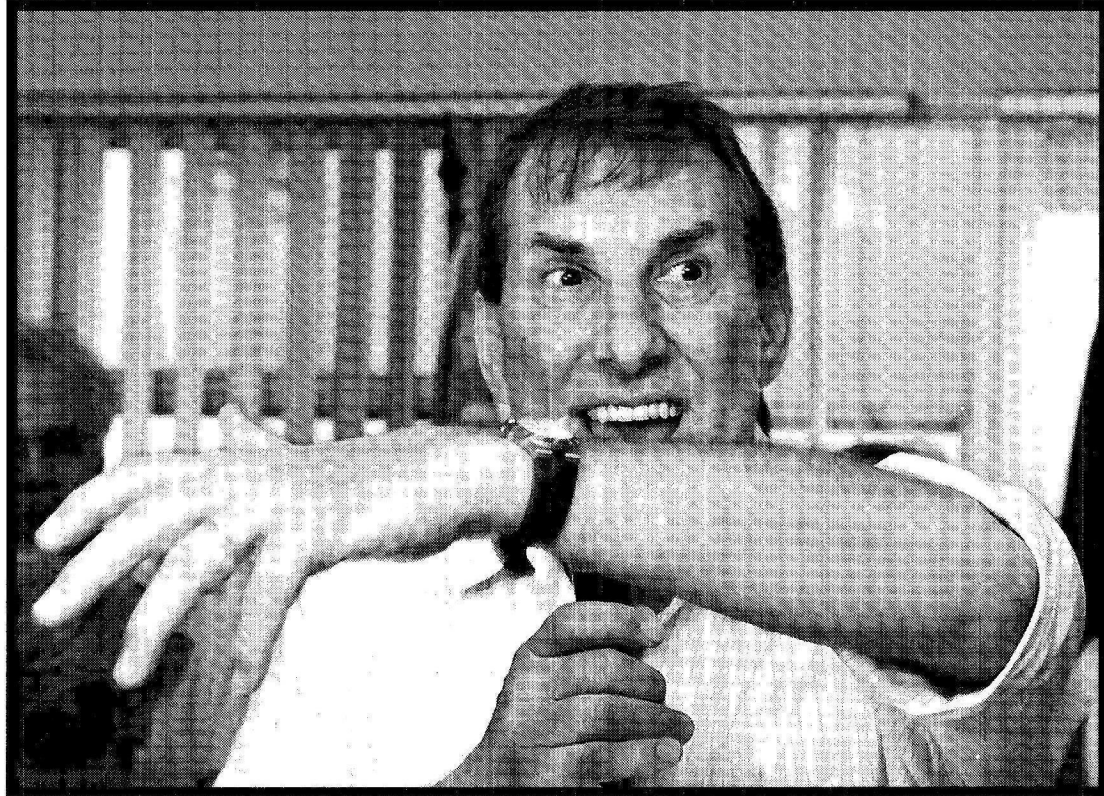
Da equipe do Correio

Será em etapas que se construirá o acordo para sacramentar o nome do senador José Sarney (PMDB-AP) como presidente do Senado. Os principais líderes das duas alas peemedebistas perceberam que jamais conseguiriam, de uma única vez, ajustar todos os problemas do partido em um único contrato. Assim, resolveram desmembrar o acordo, resolvendo cada um dos problemas por vez. Hoje, o futuro líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), deixará o Fórum Social Mundial em Porto Alegre e desembarcará em Brasília. Chegará certo de que participará da cerimônia que selará a primeira parte do acordo. Nessa fase, Renan aceitará que Sarney reúna no momento mais condições políticas para conquistar a presidência do Senado e se afastará da disputa.

Hoje, Renan, Sarney ou qualquer outro peemedebista não entrarão nos demais pontos que precisam ser resolvidos. No início da tarde, Sarney, Temer, Renan e o futuro líder do PT no Senado, Tião Viana, concordaram com um procedimento que pareceu mais lógico: à medida que houvesse consenso em cada um dos pontos, eles iriam sendo anunciados, partindo da questão mais importante, a presidência do Senado.

As demais etapas do acordo deverão ser resolvidas logo em seguida. Primeiro, o caso de Renan. O senador aceita deixar a disputa com Sarney se lhe for assegurada a liderança do PMDB no Senado, com a possibilidade de se tornar presidente do partido no futuro. Essa etapa do contrato esbarra em Pedro Simon: ele não aceita tornar-se líder apenas em setembro, quer disputar o cargo com Renan. Esse é um problema para ser resolvido em seguida. Se Simon insistir na disputa, Renan se baterá com ele. Como contará agora também com o apoio do grupo

Agliberto Lima 26.3.01



QUÉRCIA: RESISTÊNCIA CONTRA UM POSSÍVEL ACORDO COM ALIADOS DO GOVERNO DE FERNANDO HENRIQUE

**“NÃO TENHO NADA DE PESSOAL CONTRA O TEMER, MAS ISSO É POLÍTICA. PERDEU, PEGUE O BONÉ E SAIA”**

**ORESTES QUÉRCIA,**  
ex-governador de São Paulo

mais ligado a Sarney, Renan acredita que vencerá Simon e continuará como líder.

Na Câmara, no entanto, a solução final pode fugir da conformação inicial do acordo. A preferência do governo e do PT para o cargo era por Eunício Oliveira (CE). Mas o deputado Barbosa Neto (GO) parece ter mais

chances de obter o cargo na bancada. Ontem, por exemplo, cinco dos seis deputados eleitos pelo Rio de Janeiro (a exceção foi Moreira Franco) resolveram que apoiarão Barbosa. O governo e o PT não vão interferir: deixarão que prevaleça quem se sair melhor nessa disputa.

O ponto de solução mais complicada é a manutenção até setembro de Michel Temer na presidência do PMDB. Essa questão quase inviabilizou a negociação ontem. O grupo dissidente do partido quer antecipar a convenção do PMDB para fevereiro e depor Temer. O deputado paulista não aceita ver seu mandato diminuído. No acordo, Sarney e Renan propunham aceitar que Temer conclísse seu mandato. Os dois principais líderes dissidentes, o governador do Paraná, Roberto Requião, e o ex-governador de São Paulo Orestes Quércia, não aceitam. Querem trocar logo o comando do partido. E também não querem uma substituição de Temer por Re-

nan, que também pertence à cúpula peemedebista.

“Entendemos que esse pessoal que está à frente do partido nos últimos oito anos têm de sair e dar espaço para que possamos apoiar integralmente o governo do presidente Lula. Não tenho nada de pessoal contra o Temer, mas isso é política. Perdeu, pegue o boné e saia”, disse Quércia.

Com Quércia pelo telefone, Sarney argumentou que, para não deixar seqüelas, deve haver uma fase de transição, com Renan no comando para a mudança na direção partidária. Sarney pretendia ir a São Paulo conversar pessoalmente com Quércia. Desistiu quando viu que Quércia não aceitaria com facilidade o acordo. Irritado, ele ameaçou Quércia. Uma vez que agora tem o apoio dos governistas para a negociação, podia isolar o ex-governador paulista. Poderia chegar à presidência do Senado sem a ajuda de Quércia e deixá-lo de fora da solução final. Ou seja, para Quércia, era o acordo ou nada.